

**LITERATURA OUTSIDER PARA UMA
CIDADE ESTABELECIDADA:
A INFLUÊNCIA DO CAMPO LITERÁRIO E
DO CAMPO CURRICULAR NA
CONSTRUÇÃO DO PROJETO DA CIDADE
DE CURITIBA NA DÉCADA DE 1990 E
INÍCIO DO SÉCULO XXI**

**OUTSIDER LITERATURE FOR A TOWN
ESTABLISHED: THE INFLUENCE OF THE
LITERARY FIELD AND THE CURRICULAR
FIELD IN PROJECT CONSTRUCTION IN THE
CITY OF CURITIBA IN THE DECADE OF 1990
AND THE BEGINNING OF THE 21ST
CENTURY**

FERREIRA, Valéria Milena Röhrich¹
ROMANO, Evellyn Bernardo Rodrigues²

¹ Doutora em Educação pela PUC/SP e professora do Setor de Educação/DEPLAE da Universidade Federal do Paraná.

² Pedagoga formada pela Universidade Federal do Paraná e Pesquisadora de Iniciação Científica (2008-2009).

RESUMO: O campo literário produziu diversos escritores que realizaram múltiplas leituras da cidade de Curitiba na década de 1990 e início do século XXI, inclusive, questionando o projeto da cidade daquele momento. Investiga-se se esta literatura foi absorvida tanto pelo currículo oficial da rede municipal de ensino quanto pelo currículo em ação daquele período. Para tal foram analisados diversos materiais curriculares que chegaram às escolas da rede, bem como, entrevistados professores que trabalharam em sala de aula no período analisado. De modo geral percebeu-se que o currículo oficial apresentava ideias de cidade e literatura que reforçavam o modelo “estabelecido” de urbe (estabelecidos/*outsiders*, conceitos utilizados a partir de Elias), como, por exemplo, a literatura paranista. Sobre o currículo em ação, os dados coletados demonstraram que a maioria dos professores entrevistados, tanto não reconhecia a literatura e as ideias paranistas quanto não trabalhava com possibilidades literárias que fizessem um contraponto às leituras oficiais da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Currículo, Curitiba.

ABSTRACT: There were various writers came out of a literature field with the different points of view of the Curitiba in the 1990s and at the beginning of the XXI century, come of them criticizing the city's project of the moment. We study here whether this literature was absorbed somehow either by the Official Curriculum of the municipal educational structure or by the Curriculum Practice of that period. Different curriculum materials accepted by the municipal schools were analyzed as well as the teachers that had taught at that period were interviewed for the purpose of the present investigation. In general way we realized that the Official Curriculum represented ideas of the city and a literature that re-enforced the “established” model of the city (established/*outsiders*, Norbert Elias's concepts), for example, so-called “paranist” literature. As for the Curriculum Practice, data that were collected until now show us that almost all of the interviewed teachers weren't aware of pro-paranist character of the ideas as well as didn't work with literature possibilities that would contain opposite to oficial interpretation of the city.

KEY WORDS: Literature, Curriculum, Curitiba.

INTRODUÇÃO

Diz o meu velho amigo Rolha
até que uma cidadezinha mais ou menos.
(Trecho de crônica de Dalton Trevisan
“A longa volta para casa”, 2005)

Em pesquisa recente, estudou-se a relação entre cidade, escola e currículo³. Partiu-se do fato de que as escolas municipais de Curitiba receberam durante a década de 1990 e início do século XXI, diversos materiais curriculares que, para além do objetivo de auxiliar na efetivação do currículo oficial da rede, procuravam construir um determinado modelo de cidade e de cidadão curitibano. Parecia haver, portanto, uma relação entre o currículo a ser ensinado às crianças e o projeto da cidade e, expressivamente naquele período, marcado pelo fato de que Curitiba tornava cada vez mais explícito este projeto. Assim, seria impossível pesquisar a escola (e seu currículo), sem compreendê-la nas tramas da cidade e, para tal, era preciso tanto compreender como este projeto foi sendo construído, quanto analisar o lugar da educação escolar nesta rede de relações oferecidas pela urbe.

Mas, quem explicaria o projeto da cidade? A quem dar voz? Metodologicamente, optou-se pela realização de uma “escuta” de diversas vozes advindas de diferentes campos (Urbanismo, Arquitetura, Meio Ambiente, Literatura, Política, Educação, entre outros) e, tanto das que pareciam fortalecer o projeto quanto das que dele discordavam. Posteriormente tal material empírico pôde ser organizado e analisado a partir do par conceitual “estabelecidos/outsidere”⁴, desenvolvido por Norbert Elias para explicar os diferenciais de poder existentes em distintas configurações sociais. Foi por meio deste caminho de pesquisa é que se pôde concluir que diversos grupos estabelecidos da cidade, advindos de diferentes campos,

³Ferreira (2008).

⁴Elias (ELIAS e SCOTSON, 2000; ELIAS 1994, 2001) utiliza o par conceitual para explicar os diferenciais de poder existentes entre grupos em distintas configurações sociais. É a partir da distinção entre “nós” e “eles” que os grupos estabelecidos criam coesão e reforçam sua superioridade em relação aos outsiders. Assim, “eles” acabam sendo uma ameaça aos “padrões” de vida dos grupos estabelecidos e torna-se necessário tanto um esforço constante por parte destes últimos para manter em circulação os ideais de seu grupo quanto produzir formas sistemáticas de estigmatização com relação aos grupos outsiders.

mantiveram em andamento, por décadas, um projeto em muitos aspectos conservador, apolítico e preconceituoso. Intrigante nesta análise, porém, foi o fato de que o campo literário apareceu como um dos campos em que as vozes “outsiders” mais se fizeram ouvir e, muitas vezes, tomando até a posição de “estabelecidas” dentro do próprio campo.

Este artigo analisa, portanto, algumas tensões tanto do campo literário quando em diálogo com um objeto externo a ele⁵ - aqui no caso, a cidade - quanto do campo educacional a partir de seleções que fez do campo literário, sobre a cidade, para compor determinado currículo. O recorte de pesquisa do campo educacional se fez, portanto, a partir do currículo oficial da rede municipal (materiais curriculares⁶ que chegavam às escolas da rede no período analisado) e do currículo em ação (memórias de professores que utilizaram estes materiais na década de 1990). Assim, foi possível indagar: a literatura selecionada veiculava ideias mais próximas de fortalecer o projeto da cidade em andamento e de grupos estabelecidos ou problematizava o projeto, estando, portanto, mais próxima de leituras múltiplas e outsiders da urbe? Auxiliava a que as crianças, estudantes das escolas da rede, tivessem uma compreensão diversa e ampla sobre as formas de socialização

⁵ O termo “campo” é aqui utilizado no sentido de Bourdieu (2000) e do historiador norte-americano Robert Darton. Este último, ao afirmar sua proximidade com Bourdieu e Weber explica: “(...) o ponto não é estudar um campo intelectual ou um assunto, mas a maneira como um assunto se relaciona com outro.” (DARNTON in OLIVEIRA et al, 2003, p.174). O exercício, portanto, foi o de analisar como os campos se movimentavam na relação com um objeto externo a eles e sem a pretensão de analisar todo o campo na relação com a cidade, mas, grupos ou indivíduos que, de alguma forma, sobressaíam-se fortalecendo ou discordando do projeto da cidade.

⁶ Em especial, a Coleção didática “Lições Curitibanas” (coleção para crianças de 1ª a 4ª séries) produzida por equipe multidisciplinar da Secretaria Municipal de Educação e que foi entregue nos anos 1995 a 1997 na gestão do prefeito Rafael Greca de Macedo, prometendo “efetivar o Currículo Básico em sala de aula”; e o jornal “Curitibinha” que circulou entre 1995-1996 (Gestão Greca) e entre 1997-2000 (Gestão Taniguchi) e foi entregue mensalmente a cada criança da Rede Municipal de Educação nestes períodos. Atualmente, existe um site sobre este jornal (<http://www.curitibinha.com.br>).

e vivência na cidade, ou ajudava a conformá-las, desde pequenas, a repetir imagens e discursos idealizados (de cidade “modelo”, “ecológica”, “correta”, “limpa”, “europeia” etc)?

I. Paranistas e os “outros”: a construção da identidade paranaense e curitibana no início do século XX

*Queriam algo imutável, que ficasse como em uma dispensa de
almoxarifado, um reservatório,
à disposição e a que pudessem recorrer, quando
lhe perguntassem, o que é o Paraná.
(Linhares in Soares de Oliveira, 2005, p.138)*

Os materiais curriculares que chegaram às escolas da rede municipal de Curitiba, principalmente na década de 1990, traziam um tom ufanista em tudo o que se referia à cidade. Eram inúmeros pinhões, pinhas, paisagens com pinheiros; diversas poesias e autores que falavam do Paraná. Tais traços puderam ser compreendidos - a partir do campo literário - como sendo próprios de um movimento chamado Paranista, movimento este que pregava o amor incondicional a tudo o que era feito e produzido no Paraná. Mas, o que mais intrigava era: por que as produções realizadas por um movimento mais próximo do primeiro terço do século XX não só sobreviviam no imaginário da cidade, mas, ainda eram ensinadas às crianças no final do século? E, uma vez planejadas para que fossem ensinadas, quais seriam as intenções? A propagação deste ideário tencionaria as relações de poder da cidade a favor de que grupos? E, ainda, nas escolas, de fato, os professores teriam discutido e problematizado tais ideias?

Para responder ao menos a boa parte destas questões torna-se necessário compreender o movimento paranista. O contexto do seu nascimento está relacionado às sucessivas imigrações e sistemáticas migrações ocorridas no Paraná e em Curitiba principalmente ao longo do último século. Além disso, em finais do século XIX e início do XX, chegavam ao estado, novos senhores do café que continuavam prestando

contas - tanto de suas ações quanto de seus lucros - muito mais a São Paulo, de onde vinham, do que ao estado em que se instalavam. Era preciso, então, que se acentuasse a produção de uma identidade própria para o Paraná para que este fosse reconhecido nacionalmente, pois:

o Paraná não tinha 'um traço' que o distinguisse, 'nem geograficamente como a Amazônia, nem pitoresca como a Bahia ou Rio Grande do Sul'. Também não possuía uma história 'vigorosa' como São Paulo, Minas e Pernambuco Tampouco havia no Estado uma natureza característica como a do Nordeste. Por isso o Paraná era um 'esboço' a se iniciar. Falta-lhe o lastro dos séculos. Apesar de ser o Estado de futuro mais próximo, forma nesta retaguarda característica de incaracterísticos. (MACHADO in SOARES DE OLIVEIRA, 2005, p.33)

Assim, começa a ganhar força, entre 1910-1940, um movimento⁷ que passou a se denominar "Paranismo" que defendia a ideia de que todo paranaense deveria amar e também idolatrar o Paraná. Nas palavras do maior intelectual do movimento, Romário Martins, o "tipo ideal de paranista" nasceria "da vontade realizadora, da cooperação fraternal, da cultura generalizada, da beleza física e moral". (in SOARES DE OLIVEIRA, 2005, p.34). Tais ideias passaram a se desenvolver também em outras áreas: nas Artes, pintaram-se pinheiros; na História, valorizaram-se os heróis do Paraná e criaram-se, resgataram-se e transfiguraram-se lendas indígenas; na Política, inventou-se o primeiro brasão do estado; na Arquitetura, foram criadas colunas, capitéis com motivos de pinheiro e da pinha; no já reforçado campo Literário, houve a produção, ainda, de poemas paranistas; pensou-se até em uma moda para o gênero. As descobertas arqueológicas de instrumentos de povos primitivos eram comemoradas no

⁷ É preciso lembrar que tal movimento teve origens também a partir de outro movimento, o simbolismo. Este último, segundo Soares de Oliveira (2005), já pregava a construção de uma identidade local, de uma produção cultural própria (na literatura e nas artes, mas, com influência social e política) contrapondo-se ao cosmopolitismo da capital (Rio de Janeiro).

estado como uma verdadeira conquista, afinal “tínhamos também história (ou pré-história) que precedia a chegada dos portugueses”. (idem, 2005, p.38)

Ainda na definição do “paranaense”, segundo Soares de Oliveira, o movimento geralmente esquecia-se do negro e do índio: “Um esquecimento imperdoável quando a intenção é cantar todas as influências desse Estado multicultural.” (p.37). Posteriormente, no entanto, o movimento recuperou o índio, mas fazendo uma leitura própria do “selvagem”, ao inventar lendas que o transformaram no bom selvagem que ajudou na adaptação dos europeus e na evolução econômica da terra. “Torna o índio um elemento útil do passado, mas ausente, tanto quanto o negro, que permanece fora”. (idem, p.37)

Nos anos de 1930 e 1940 a crítica literária tendia a editar livros apenas dos que escrevessem sobre o estado. Assim, surgiu uma tensão no campo entre um grupo que queria abrir as portas para a literatura nacional e universal e outro que continuava defendendo o Paranismo. Representando o primeiro grupo é que surgiu a combativa revista *Joaquim*, editada entre 1946 e 1948 e que teve como principal mentor o jovem escritor Dalton Trevisan. A revista denunciava a mentalidade reacionária da cultura local e acusava os paranistas de criarem “um Paraná artificial, falso” (idem, p.84) que olhava apenas “para o próprio umbigo”.

Embora Trevisan e outros críticos, considerados pelo campo literário à época, como *outsiders* tenham conseguido, a partir de uma crítica consistente e um denso trabalho literário, ascender à condição de “estabelecidos”, não deixaram os Paranistas tão à margem assim, como se quer crer. Soares de Oliveira, por exemplo, afirmou que o movimento ainda resiste e retorna sempre que se volta a discutir a identidade do estado e da cidade. Isto pode ser comprovado, segundo o autor, em situações como aquelas ocorridas na década de 1970 em que foram feitas intervenções urbanísticas quando o arquiteto Jaime Lerner assumiu a prefeitura da capital paranaense e, posteriormente, na década de 1990, com sua ascensão ao

governo do estado. O pesquisador destaca que tais intervenções (construções grandiosas, marketing político) foram utilizadas para criar a representação de Curitiba como a “capital ecológica”, “européia” e “exemplar”, de modo a afirmar a sua superioridade.

No campo educacional, com já dito, foi também possível verificar este “ressurgimento” do Paranismo quando se observou a coleção de livros didáticos distribuída nas escolas da rede municipal de educação de Curitiba em meados da década de 1990, o *Lições Curitibañas* e também o jornal infantil que circulou nas escolas (entre 1995- 2000), chamado *Curitibinha*. Tanto a coleção quanto o jornal eram ilustrados com símbolos paranistas (o pinheiro, a pinha, a Gralha Azul...) e divulgavam conteúdos também deste movimento.

2. Contistas e cronistas da cidade: múltiplos e críticos olhares

Cortada das suas origens européias, distante geograficamente do Brasil índio-afro-luso mais ao Norte, à Curitiba-classe-média tem restado o papel de aplaudir músicos baianos. Ler contistas/romancistas mineiros. Assistir filmes americanos ou italianos. Admirar artistas plásticos paulistas ou cariocas. E, naturalmente, consumir televisão do Eixo Rio-S. Paulo. Sem raízes, sem carências, que fazer? Leminski, 1986, p. 115)

Enquanto o discurso estabelecido construía uma identidade para o Paraná e para Curitiba composta por imagens e discursos fortes, os grupos *outsiders*, desde a década de 1940, falavam de pessoas concretas na relação com a cidade. Com mais de 80 anos de idade Trevisan é hoje um dos mais importantes escritores de contos do Brasil e também um verdadeiro observatório vivo da cultura curitibana. Nicolato (2002), ao pesquisar a relação entre Trevisan e a cidade de Curitiba analisa que nos escritos de diferentes épocas o autor sempre ironiza o discurso positivo a respeito da cidade. A crítica de Trevisan à Curitiba “enjoadinha” dos anos 1990, por exemplo, é, segundo o pesquisador, um ataque ao mito construído pela administração municipal para reforçar no

imaginário coletivo a imagem da cidade ideal. Abaixo um dos trechos do escritor:

uma das três cidades do mundo de melhor qualidade de vida
 ora o que significa uma comissão da ONU
 não me façam rir senhores
 nem sejamos a esse ponto desfrutáveis
 por uma comissão de vereadores da ONU
 (TREVISAN in NICOLATO, 2002, p. 54)

E ainda em voz colérica aponta uma outra Curitiba:

(...) a melhor de todas as cidades possíveis
 nenhum motorista pô respeita o sinal vermelho
 Curitiba européia do primeiro mundo
 cinqüenta buracos por pessoa em toda a calçada
 Curitiba alegre do povo feliz
 essa é a cidade irreal da propaganda
 ninguém não viu não sabe onde fica
 falso produto de marketing político
 ópera bufa de nuvem fraude arame
 cidade alegríssima de mentirinha
 povo felicíssimo sem rosto sem direito sem pão
 dessa Curitiba não me ufano
 não Curitiba não é uma festa
 os dias da ira nas ruas vêm aí (...)
 (TREVISAN, 2003, *Em busca da Curitiba perdida*)

Outro escritor respeitado no campo literário foi o poeta Leminski que, desde a década de 1970, descrevia, com um modo bastante próprio, a “cultura curitibana”. Em uma entrevista (1978), argumentou que Curitiba era uma cidade consumidora, de classe média, que parecia desmentir o determinismo econômico:

Pelo menos um determinismo econômico mais rasteiro que imagina que onde há dinheiro, quer dizer, onde estão resolvidos alguns problemas de primeira ordem, a cultura aparece como um precipitado. Uma resultante, meramente, dessa prosperidade

material, mas Curitiba desmente esse tipo de determinismo econômico. Aqui em Curitiba temos uma vasta classe média que almoçou, que jantou. (...) E, no entanto, se nós olharmos Curitiba do ponto de vista de literatura, artes plásticas, cinema, não encontramos em Curitiba uma vida intelectual e criativa que corresponda, digamos, à prosperidade de base que você encontra em Curitiba. (PAULO LEMINSKI in Coleção Paranaense..., 1994, p.12)

Faltava à cultura curitibana, segundo o poeta, uma cultura popular de base: “Falta aquele *húmus* popular, embaixo, que fornecesse formas para uma cultura mais elaborada, uma cultura de classe média” (p.13). O poeta dizia ainda que a cidade era tremendamente repressiva e preconceituosa:

Curitiba é uma cidade terrível para os homossexuais, por exemplo. Ela destrói até. (...). E uma cidade onde as coisas todas que constituem a repressão sexual, o tabu da virgindade, o preconceito contra o homossexualismo, enfim, todas as modalidades de repressão estão articuladas, eu acho, com a mística imigrante do trabalho, é uma mística contra o prazer. (p.13)

Sobre isso, argumentava: “É uma mística de tipo puritano calvinista, que visa reprimir o prazer para liberar as energias do indivíduo pro trabalho produtivo, o trabalho material.” (p.13). Quase uma década depois da referida entrevista, no capítulo “Culturitiba” do livro *Anseios críticos*, o poeta retoma o tema sublinhando que a cidade, diferente de outras capitais, tem uma ampla classe média, mas, com problemas:

À classe média falta verticalidade. Profundidade no tempo. Raízes. O Paraná moderno começa com os imigrantes. Gente pragmática. Pirada em trabalho. Calvinista. Amante da ordem. Zelosa da propriedade. Gente voltada para resultados práticos. Materiais. Palpáveis. A felicidade da classe média está aí: é o consumo. O acesso aos bens de civilização industriais, a grande aventura da classe média. (1986, p.114)

As críticas à cidade de Curitiba, produzidas por um poeta e por um contista, poderiam levar a que se pensasse que, principalmente no caso de Trevisan, isso se deu apenas por uma necessidade sua de “rebater” o movimento paranista. Assim, o fato de suas críticas perdurarem por mais de cinquenta anos e serem semelhantes e sistemáticas, poderia ser interpretado como um caso particular, um modo muito seu de perceber a cidade e ainda muito ligado ao movimento do primeiro terço do século XX. Para verificar, portanto, se existiriam outros escritores que ofereceriam possibilidades diferentes das leituras hegemônicas sobre a urbe, foi necessário dar voz também a autores não tão ligados ao período acima destacado e também mais próximos do recorte temporal da pesquisa realizada (década de 1990 e início dos anos 2000). Foram encontrados, assim, cronistas que, ao falarem sobre o cotidiano da cidade, também produziram um material rico e alternativo às explicações “estabelecidas” que circulavam naquele período. A este respeito encontrou-se pesquisa de Almeida (2006) que, ao estudar cronistas contemporâneos (de 1997 a 2003), aponta que muitos deles ofereceram possibilidades de reflexão e de alteração do imaginário social da cidade na medida em que acentuavam o confronto entre imagens pré-concebidas (produzidas pela propaganda oficial) e experiências concretas. Abaixo trecho de uma crônica que mostra este confronto:

Fui buscá-lo no aeroporto. Foi fácil reconhecê-lo. Usava terno verde, chapéu verde, um galho de pinus nas mãos. Era ele. Me explicou que as roupas homenageavam a capital ecológica. (...). Era meu velho primo. Já na saída do aeroporto disparou:
 -E as árvores? As matas? Onde está o verde?
 O caso era grave. Expliquei que ainda não chegáramos a Curitiba.
 -Logo vi!
 Quando passamos pela Vila Pinto, ele, impaciente, perguntou:
 -E quando chegaremos a Curitiba?
 -Aqui já é Curitiba, primo.(...)
 -Mas estas casas de madeira, papelão, pano?
 Trata-se de algum projeto ecológico?

-Não, primo. É favela mesmo.

-Favela? Em Curitiba?!

O primo abriu uma maleta, dela retirando uma pilha de folders.

-Muito estranho, comentou, remexendo na papelada.

(ROBERTO GOMES, *Gazeta do Povo*, 1999, in ALMEIDA, 2006, p.28)

Sobre o impacto que as crônicas causavam em seus leitores, Almeida observa que nem sempre eram bem aceitas. Quando Jamil escreveu *Coisas que irritam em Curitiba* em 2001, causou rebuliço na cidade. Abaixo, trecho da crônica:

(...) Os emocionantes fins de semana em Curitiba. Se não é feira de filhotes no Barigüi ou festa da uva em Colombo, é exposição de vacas no Parque Castelo Branco.

Os almoços de domingo. Ou é churrasco de contrafilé na casa do sogro ou risoto com polenta em Santa Felicidade.

Os passeios dominicais nos parques da cidade. Madames com celulite desfilando seus cãezinhos ou cachorrês com celulite desfilando suas madames.(...)

A comunicabilidade do curitibano típico. Prefere subir dez lances de escada a dividir o elevador com seu vizinho.

O clima curitibano. Cinco estações que se revezam diariamente – outono, primavera, verão, rodoferroviária e inverno.

A trepidante vida noturna de Curitiba. Começa às seis da tarde e termina às oito e pouco, que ninguém é bobo de perder a novela.

O oba-oba em torno da cidade, uma das três melhores do mundo para se morar, de acordo com um gaiato norte-americano que passou uns dias aqui jantando no Ille de France.

'Butiatuvinha? What is This?'

A insaciável fome de cultura das elites: Hebe Camargo às segundas, joguinho de tranca na quarta, Faustão e Silvio Santos no domingo, que ninguém é de ferro.(...)

Jamil Snege (*Gazeta do Povo*, caderno G, maio de 2001, in Volume Anexo de ALMEIDA, p.83)

Sobre a crônica, um leitor, indignado, rebateu, na seção de cartas:

Espero sinceramente que o colunista, como tantos outros que criticam esta cidade, façam (sic) uso da quarta estação por ele citada, a rodoferroviária, que presta excelentes serviços a quem queira deixar esta Curitiba que tanto os incomoda. (Coluna do Leitor in ALMEIDA, 2006, p.33)

Quando Dala Stella escreveu “A beleza postiça de Curitiba”, publicada em 1998, seus leitores, na semana seguinte, também rebateram -como comentou Almeida (p.33)- “paranisticamente”: “quanto à matéria publicada (...), salta aos olhos o posicionamento ‘postoiçointelectualóide’ de quem o assinou! Que a gralha azul ilumine seus pensamentos”!

Ao que parece, o tema “paranista” volta sempre ao cenário literário e curitibano. Sobre isso, o contraste proposto por Almeida ajuda: enquanto o paranaense de Martins era o “burguês por excelência, amante da ordem e da vida sossegada” Snege assim o definia: “O paranaense típico é um grande comedor de picanha e um péssimo consumidor de livros”. (idem, 2006, p. 149).

As crônicas falavam ainda da falta de vontade de empreender projetos na cidade por não haver reconhecimento; da invisibilidade a que estavam sujeitos muitos dos que se sobressaíam; do frio curitibano; da antipatia dos seus moradores. Sobre este último aspecto, uma reportagem de jornal, de 1999, traz a opinião do antropólogo Balhana: “esta é a característica mais típica dos nobres que não querem se misturar”. A jornalista que realizou a matéria completava: “embora a época da nobreza (...) não exista mais, ele [o antropólogo] acredita que ficou no ar a mania da ancestralidade”. (idem, 2006, p.73).

Havia também, embora em menor número, crônicas que tratavam da desigualdade social. Sobre isso, Snege provocou o leitor em um trecho de suas crônicas: “Que bobagem garotos. Todo mundo sabe que é bem mais fácil achar Curitiba maravilhosa a bordo de um apartamento de 800 metros quadrados no Champagnat do que num barraco da Vila Pinto”⁸.

⁸ Vila Pinto é uma das maiores favelas da cidade.

(idem, 2005, p. 75). Ainda com relação às questões sociais, até o clima entrava como um fator capitalizado pelos moradores e fica claro o quanto muitos deles relacionavam o frio a uma cidade de maior status. Uma reportagem realizada pela *Gazeta do Povo* em que se perguntou: “O que você acha característico do curitibano?”, uma aposentada de 72 anos respondeu:

Aqui perdura a mania da elegância. Acho que pelo frio, a gente de Curitiba sempre está bem vestida para ir ao cinema, ao teatro e ao balé. O topete é um charme. Mas, por outro lado, o povo também é um pouco arrogante, talvez por causa do clima também. (*Gazeta do Povo*, 23 de maio de 1999, in ALMEIDA, 2006, p.78)

Segundo Almeida (2005), o frio torna-se uma característica usada de forma não inocente, uma vez que ligada à elegância, ao status e à cultura. Esta relação entre o frio e o comportamento curitibano já era tema da literatura, décadas atrás. Uma das mais famosas crônicas “Curitiba, a fria: onde Jânio Quadros comia moscas” (publicada originalmente em 1966) de Fernando Pessoa- autor que morou por dez anos em Curitiba- e que “deu o que falar”, diz em um de seus trechos:

Depois de conhecer Curitiba, você poderá começar a achar os paulistas demasiados amáveis e hospitaleiros. E talvez estranhe, em Belo Horizonte, a absoluta falta de preconceitos. Esteja certo de que sua opinião não comoverá os curitibanos. Curitiba é antes de tudo uma fria. (in ALMEIDA, p. 79).

Ao que parece contistas e cronistas que estiveram na contramão do imaginário produzido por grupos estabelecidos, naquele momento, cumpriram um importante papel de provocar a reflexão do curitibano sobre as formas de socialização oferecidas pela cidade e sua atuação como cidadão da urbe.

3. Seleções literárias para o currículo oficial e para o currículo em ação em prol do projeto da cidade

Agora que terminou a entrevista,
é que eu vi o quanto sou burguesa....(Entrevistada G)

Enquanto em boa parte do século XX, a literatura crítica ao Paranismo e diversos literatos da cidade se esforçassem para colocar em discussão a identidade do curitibano e do paranaense, o campo educacional, especificamente no que diz respeito aos materiais curriculares produzidos pela rede municipal de ensino, fez que opções? Dialogou com esta literatura crítica ou procurou dar coesão ao projeto da cidade em andamento (de cidade correta, modelo, ecológica, europeia)?

Analisando a coleção de livros didáticos *Lições Curitibanas* percebeu-se que quase não ocorreu divulgação de livros e conteúdos que pudessem oferecer leituras diversas da cidade, como por exemplo, as produzidas por Trevisan e Leminski. Uma explicação possível para isso talvez partisse da ideia de que o grupo que produziu o material poderia ter tido uma compreensão ingênua sobre a infância, segundo a qual, pela idade, a criança não compreenderia uma literatura que não fosse própria para ela. Esta seria uma compreensão muito próxima daquela divulgada pelo movimento da Escola Nova, no início do século XX, também chamado de Pedagogias Corretivas (VARELA, 2002), que, ao propor um currículo a partir do universo infantil, muitas vezes criou para a criança, um mundo infantilizado, "liliputiano"⁹. Uma segunda explicação possível seria a de que, intencionalmente, se tenha evitado as críticas ao modelo paranista do currículo de então.

De qualquer forma, na coleção didática, uma das raras vezes em que Trevisan ou Leminski foram mencionados, a lembrança parece ter sido ocasional ou até propositalmente

⁹ Termo criado a partir do mundo de Liliput (mundo em miniatura) da história das Viagens de Gulliver. (in: VARELA, 2002).

“desinfetada”. Um dos livros da coleção, ao falar da cultura curitibana, por exemplo, menciona o maior teatro da cidade e na seqüência, ao apresentar um cartaz com os espetáculos da época, a famosa peça de Trevisan “O vampiro e a Polaquinha” aparece na ilustração, mas, nada mais é comentado. Curiosamente, na página ao lado, o texto anuncia que falará da “cultura de nosso povo” (Lições Curitibanas, 1995, 3ª série, p.525, 526) e então explica sobre as obras dos paranistas Romário Martins e Emiliano Pernetá. Em outro momento do texto, apontam-se exemplos de expoentes paranaenses nas Artes Plásticas: “Paisagem com pinheiros” de Bakun; “Gralha-azul: a plantadora”, de Campos; “Pinheiral” de Guedes. Na próxima página, há uma fotografia de uma pinha e ao lado a imagem de uma calçada em forma de pinhão (forma esta que também ilustra todas as capas da coleção de livros didáticos). Como se pode constatar, os títulos dos trabalhos e o conteúdo destas lições comprovam que o movimento “Paranista” sobrevivia e era ensinado no currículo oficial da década de 1990, optando por uma seleção da cultura curitibana que desconsiderava outras possibilidades de leitura e reflexão sobre a cidade.

Já o jornal *Curitibinha* que continha um espaço destinado à divulgação de livros, revistas em quadrinhos e curiosidades para os alunos, nas edições analisadas¹⁰, fez poucas menções à obra de Leminski (trechos e poesias que não tocavam especificamente em questões referentes à cidade) e não citou em nenhum momento Trevisan. Em uma das edições que tratava da temática “Arte” (teatro, escultura, literatura, música, dança e cinema) o jornal trouxe alguns exemplos que ainda que mais próximos da atualidade ou mais “oxigenados”, ainda remetiam a um ideário paranista, como, por exemplo: na escultura, “Fundação de Curitiba” de João Turin e na pintura, a obra “Trezentas gralhas para Curitiba” de Rogério Dias¹¹.

¹⁰ Das supostas 55 edições que circularam neste período, foram analisadas 40 edições do jornal referentes aos anos 1995 a 2000.

¹¹ Em matéria produzida pela Fundação Cultural de Curitiba, a crítica de arte Adalce Araújo apontou a obra de Dias como uma das mais pessoais da

Na literatura, ao lado de uma breve menção a Leminski, homenageia-se Poty Lazzarotto¹² destacando-se que ele era “um artista único que com maestria conseguiu traduzir em suas obras o espírito curitibano” (Curitiba, 1998, edição 30, p.7). Mas, para além das informações que circulavam neste material, a própria estética do jornal lembrava em muito os símbolos paranistas, como as bordas em forma de pinhão, as ilustrações que remetiam ao movimento e, principalmente alguns de seus personagens principais, como por exemplo: “Sorriso”, a Araucária e “Celeste”, a Gralha Azul (símbolos do Paraná).

Com relação ao currículo em ação, supunha-se que, naquele período, quando os professores utilizaram tais materiais, teriam analisado estas imagens e textos com seus alunos, oferecendo diversas possibilidades de compreensão tanto dos materiais quanto da cidade. Estariam os professores, neste sentido, mais próximos de provocar leituras *outsiders* da cidade do que reforçar leituras “estabelecidas”. Mas, os dados coletados (2008-2011)¹³ não confirmaram tal hipótese. Das dez professoras entrevistadas, apenas uma reconheceu na coleção didática *Lições Curitibanas* e no Jornal *Curitibinha* traços e símbolos como fazendo parte de um movimento literário-artístico chamado paranismo. E a maioria não percebeu contradição entre a imagem idealizada e propagada

¹² Sobre este renomado pintor curitibano há quem diga que passou a ser uma espécie de “pintor do rei” já que suas obras da década de 1990 (diferentes das décadas anteriores) passaram a retratar – a partir de grandes painéis colocados em pontos estratégicos da cidade – os ícones do projeto da cidade daquele período: os tubos do ligeirinho (pontos de ônibus), o Jardim Botânico além de símbolos paranistas.

¹³ Esta pesquisa (2008-2011) sob o título “*Cidade-escola-currículo: o que pensam as professoras da rede municipal de ensino sobre o projeto de cidade e como ensinam Curitiba*” (Registro no Banpesq/Thales: 2008022652), foi encerrada em julho de 2011. Uma das problemáticas investigadas foi: “que memórias os professores da rede municipal de ensino - que trabalharam com estes materiais curriculares na década de 1990 - têm do uso que fizeram dos materiais curriculares entregues às escolas?” A coleta de dados realizou-se em 5 bairros das periferias da cidade e com 10 professores entrevistados.

pelo material e a cidade vivenciada pelos alunos nas periferias da cidade (com pouco ou nenhum acesso a parques, à cidade histórica, museus, cinemas e outros aspectos culturais e ecológicos tão divulgados pela mídia e pelos materiais curriculares). Algumas demonstraram, inclusive, ter não só concordado, mas, também divulgado o projeto da cidade daquele período.

Quando perguntado sobre qual seria a intencionalidade da coleção didática, a Entrevistada A, por exemplo, argumentou: “eu acho que era isso que eles mostravam e que esperavam que a população, cada um contribuísse com o melhor, pra que ela venha até hoje mantendo essa fama [de cidade modelo]”. Outra entrevistada refletindo muito mais a partir de suas próprias vivências na cidade do que da realidade vivida nas periferias, aponta que os pais de seus alunos, caso quisessem, poderiam levar seus filhos à feirinha de comidas típicas ou ainda aos parques da cidade (opções estas sugeridas nos materiais curriculares, quanto às formas de socialização possíveis na cidade). Sobre esta feira, é bom lembrar que circulava e ainda circula apenas nos bairros mais nobres e centrais da cidade, como Batel e Mercês, por exemplo. Mas, segundo a mesma entrevistada:

As opções que apesar de às vezes ficar restrito - que nem eles, que passam o dia inteiro numa escola integral, tal... - mas que nada impedia, que nem à noite que um dia o pai levasse na feirinha, conhecer aquela feirinha que tem... que tinha aquela opção de lazer, de um momento em família. Também a feirinha lá do Largo da Ordem e os parques mesmo. (Entrevistada A)

Algumas das professoras dizem se valer, ainda hoje, da coleção didática *Lições Curitiba* para ensinar sobre a cidade (mesmo que a maioria da coleção já tenha sido recolhida das escolas) ou mesmo do próprio jornal *Curitiba* (edições guardadas pelas professoras, ou, atualmente, a partir do site do jornal). Uma das entrevistadas (Entrevistada A) afirmou que ela e também outras professoras ainda utilizam: “Usamos

porque eu acredito assim, eu vejo que chama bastante a atenção da criança e eles exploram bastante pelo colorido, aquelas gravuras, então dá oportunidade assim pra viajar, né?”.

Sobre o ensino da cidade de Curitiba, tanto na década de 1990 como na atualidade, nenhuma professora disse utilizar-se de autores como Trevisan e Leminski. Nenhum contista ou cronista contemporâneo foi citado ou era conhecido das entrevistadas, à exceção de uma professora graduada em Letras – Língua Portuguesa (com pós-graduação em Literatura) que, além de conhecer vários destes autores, conhecia também textos de muita crítica ao movimento paranista e ao projeto de cidade da década de 1990. Esta, porém, quando falou dos autores que levava para seus alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental citou apenas Helena Kolody (autora paranaense que fala de Curitiba a partir de lembranças de sua infância). Quando questionada se oferecia outras possibilidades de leitura sobre a urbe a partir dos autores que citou como Leminski e Trevisan, a professora afirmou que não conseguia fazer essa construção com seus alunos: “é... hoje eu não posso, pelo seguinte: eu tento, mas eles ainda não têm subsídios pra me dar essa resposta. Entende?”

Esta visão de infância como tendo a criança poucas possibilidades de compreender análises mais críticas dos espaços em que vive, demonstra além de uma visão “liliputiana” de infância e de currículo, como já mencionado, também um desconhecimento da realidade da comunidade com a qual trabalha. Em outras palavras, uma primeira visão de algumas comunidades periféricas já é suficiente para que se perceba que tais crianças convivem diariamente com a contradição entre a cidade vivenciada por elas e a idealizada pelos livros didáticos ou mesmo, apresentada por algumas de suas professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados empíricos coletados a partir do campo literário auxiliaram na compreensão de que o projeto da cidade de Curitiba da década de 1990 e início do século XX teve também,

raízes no primeiro terço do século XX, a partir das ideias paranistas. As vozes *outsiders* do campo literário conseguiram se posicionar bem na cena da cidade, se fazendo ouvir e, inclusive, colocando à margem, em parte, as ideias paranistas. Pelos dados obtidos, no entanto, é possível dizer, que tais ideias sempre ressurgem em momentos em que está em pauta o reforço à identidade da cidade e do estado. E, sobre a relação entre campos e vozes, vale lembrar que, embora no campo literário as vozes críticas tenham tido relativa expressão não ficando tão à margem assim, em outros campos, os grupos estabelecidos conseguiram colocar com maior facilidade os grupos questionadores da imagem idealizada e oficial, na condição de *outsiders*¹⁴.

Ainda sobre o campo literário, ressalta-se que este ajudou a que se compreendesse que a identidade do curitibano não é algo dado, estático, mas, objeto constante de disputa. Especialmente no final do século XX e início do XXI isso passa a fazer cada vez mais sentido, ainda mais quando se verifica que já são praticamente a metade, os moradores da cidade que não nasceram em Curitiba. Por outro lado, ficou claro que muitos autores do campo literário que escreveram sobre a cidade, questionaram o projeto curitibano daquele período, contribuindo assim, para que se denunciasse o poder simbólico (BOURDIEU, 2000) envolvido em muitos discursos propagados sobre a cidade.

E, mesmo no campo literário é importante ressaltar uma importante contradição: contistas, cronistas, poetas quando utilizavam como instrumento de trabalho, a própria crítica ao paranismo e à cidade, de alguma forma, deram sobrevivência àquilo que criticavam. Acabar com essa “massa de trabalho”, ou simplesmente ignorá-la, seria, em último caso, matar com um dos bons motivos, ou temas para se escrever em Curitiba. Por outro lado, tal tensão, de qualquer forma, proporcionou um questionamento ao imaginário social estabelecido.

E, ainda sob outro ponto de vista, a literatura, ao falar sobre o curitibano, quer seja descrevendo-o, criticando-o ou reforçando determinadas características suas, entrega para análise, não só uma espécie de tipo ideal de curitibano (no sentido weberiano), mas, as operações de classificação socialmente produzidas (DURKHEIM e MAUSS, in MAUSS, 2005) que estiveram em andamento, em Curitiba e no Paraná, ao longo dos anos. Em outras palavras, neste caldo sócio-cultural, muitos traços da identidade “paranista” ainda precisariam ser investigados, pois, muitos traços parecem sobreviver, como, por exemplo: a identidade ligada ao trabalho e ao bom trabalhador (da raiz imigrante), o curitibano bondoso, justo, culto, elegante, bonito fisicamente, civilizado e defensor das belezas do Paraná. Ou ainda, de forma mais contemporânea, seria possível incluir o curitibano frio, conservador, provinciano, de classe média urbana e péssimo leitor.

Embora tais aspectos da personalidade de muitos curitibanos possam ser justificados pela história do início da socialização dos imigrantes na cidade (diversas etnias de imigrantes convivendo, de início, em colônias fechadas), a frieza das relações foi comparada até com a postura de nobres. Sobre este último aspecto, Hobsbawm (1998) quando escreve sobre “O sentido do passado” demonstra a importância que as pessoas dão a pertencer a um passado antiqüíssimo, usando-o para uma satisfação emocional. Ele dá um exemplo: “Os novos burgueses buscam pedigrees, as novas nações ou movimentos anexam a sua história exemplos de grandeza e realização passadas na razão direta do que sentem estar faltando dessas coisas em seu passado real (...)” (1998, p. 33). E ainda: “os *nouveaux riches* do final do século XX ainda aspiram a características da vida de uma aristocracia que, apesar de sua insignificância política e econômica, continua a representar o status social mais elevado”. (p. 33).

Por outro lado, ressaltar na literatura, na escola e em seu currículo, coisas e objetos (o pinhão, a paisagem etc), mais do que pessoas, seria algo muito útil na construção de

uma cidade fictícia e ideologicamente interessante para poucos. E, embora se aponte o fato de que no circuito literário (e em alguns aspectos, na mídia escrita) tais imagens sejam discutidas, os dados de modo geral da pesquisa (FERREIRA, 2008), demonstraram uma dificuldade de divulgação (ou de penetração) em outros campos, de uma literatura mais crítica ou realista da cidade.

Sobre o campo educacional e, mais especificamente sobre o campo curricular, caso se admita que currículo é uma construção social, é seleção da cultura ligada a poder e controle, deve-se admitir também que este precisa ser constantemente “desmontado” para análise (GIROUX, 1987). Desta forma, se por um lado os dados da pesquisa comprovaram que, de fato, o currículo oficial ajudou a costurar ideias estabelecidas sobre a cidade, por outro, os dados sobre a prática escolar indicaram questões preocupantes: por que diversos professores, ao colocarem em ação, na época, o currículo oficial da rede (e mesmo passados mais de quinze anos), pouco analisaram e analisam as intenções desta seleção? Se as escolas são espaços de transmissão sistemática do conhecimento humano, mas que, para além de apenas conservar os aspectos da cultura, devem realizar uma análise densa destes aspectos, por que, justamente, o campo educacional, pelas mãos da escola, parece ter pouco praticado um “currículo *outsiders*”? Neste sentido há a necessidade de se continuar pesquisando e coletando, inclusive, dados ainda mais abrangentes.

Por último é preciso deixar registrado que o campo educacional e especialmente o campo curricular parece ter muito a ganhar quando aprofunda as relações com o campo literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Camila Gino. 2006. *Um cronista na cidade*. Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003. 279 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

- BOURDIEU, Pierre. 2000. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand. 322 p.
- CURITIBA, Prefeitura Municipal. Secretaria da Educação. 1994. *Lições curitibanas*. Curitiba: PMC/SME.. 1 a 4 série.
- _____. *Jornal Curitibinha*. (1995 a 2000) Curitiba: PMC/SME.
- ELIAS, Norbert. 1994. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: J. Zahar. 277 p. (volume I)
- _____. 2001. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: J. Zahar. 166 p.
- _____; SCOTSON, John L. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar. 224 p.
- FERREIRA, Valéria Milena Röhrich.. *Tecendo uma cidade modelar: relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba na década de 1990*. 2008, 261p. Tese de Doutorado (Educação: História, Política, Sociedade). PUC São Paulo.
- GIROUX, H. 1987. *Escola crítica e política cultural*. 2. ed. São Paulo: Cortez. 104 p.
- HOBSBAWM, Eric. 1998. *Sobre História: ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras. 336 p.
- _____; RANGER, Terence (Org.). 1997. *A invenção das tradições*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra. 316 p.
- LEMINSKI, Paulo. 1986. *Anseios Crípticos: (anseios teóricos) Peripécias de um investigador do sentido no torvelinho das formas e das ideias*. Curitiba: Criar. 140 p.
- MAUSS, Marcel. 2005. *Ensaio de sociologia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva. 493 p. (NICOLATO, Roberto. 2002. *Literatura e Cidade: o universo urbano de Dalton Trevisan*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal do Paraná.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi; Et al (Org.). 2003. *Conversando com...*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV. 219 p.
- PAULO LEMINSKI. 1994. Curitiba: Ed. da UFPR. 67 p. (*Série Paranense*, 2).
- SOARES DE OLIVEIRA, Luiz Cláudio. *Joaquim contra o paranismo*. 2005. 234 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Departamento de Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- TREVISAN, Dalton. 1996. *Mistérios de Curitiba*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro : Record. 125 p.

VARELA, Julia. 2002. *Categorias espaço-temporais e socialização escolar: do individualismo ao narcisismo*. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo*. 3. ed. São Paulo: Cortez. 73-106.

Literatura outsider para uma cidade estabelecida: a influência do campo literário e do campo curricular ...